

Paris, sexta 12 de janeiro de 1923

*Mon cher Francis,*

Enfim iniciamos a primeira etapa de nossa jornada a bordo do célebre trem *Orient Express*, partindo de Londres com destino a Paris. O conforto oferecido pela composição é deveras impressionante: vagões amplos, decoração refinada e um serviço que rivaliza com os melhores hotéis londrinos. Ainda que tenha sido necessário compartilhar a cabine dormitório, confesso que, por momentos, esqueci-me de estar sobre trilhos — tamanha era a sensação de luxo e tranquilidade. Creio que esse seja, de fato, o propósito desse famoso trem: transportar-nos não apenas fisicamente, mas também em espírito, para uma atmosfera de distinção e requinte.

Contrariando minhas expectativas iniciais, nada houve de desconfortável ou estranho na viagem. Não me senti deslocado como acreditava, pois os funcionários do trem; da segurança ao garçom do vagão restaurante, passando pela equipe de limpeza e os maquinistas; mostraram-se todos extremamente corteses e, curiosamente, versados em assuntos que me entreteve por longas horas. Quando dei por mim, já nos aproximávamos de Paris. Uma travessia rápida e aconchegante.

Apenas um episódio destoou da serenidade da viagem: alguns colegas relataram terem sido perseguidos, desde as ruas de Londres, por um homem de aparência inquietante, que também teria embarcado no trem. Procuramos por ele, mas não obtivemos êxito. Felizmente, o camarada Oliver Neville; cuja ausência nos últimos dias me causara certa apreensão; estava a bordo e prontificou-se a lidar pessoalmente com o indivíduo, o que nos trouxe considerável alívio.

Chegamos a Paris sem maiores alardes e, embora a sua cidade mereça contemplação deveras demorada, dedicamo-nos prontamente à elaboração de uma estratégia que nos permitisse aproveitar ao máximo o tempo disponível para investigar o nefasto artefato chamado de o *Simulacro de Sedefkar*.

Curiosamente, nossa primeira ação teve ligação direta contigo. Visitamos a residência de tua estimada mãe, *madame Valentine Martin LeBeau*. E qual não foi nossa surpresa ao sermos recebidos por ti próprio, *mon cher Francis*! Embora relatar tal fato a ti seja, por óbvio, redundante, registro-o aqui por tratar-se de um diário epistolar que me auxilia a manter as ideias organizadas em meio à torrente de informações que nos permeiam nessa demanda estranhamente obscura.

Somos todos profundamente gratos pela ajuda que tua mãe e tu que tão prontamente nos dedicaram. Graças a vós, encontramos hospedagem em tempo recorde nesta vasta e cosmopolita Paris, além de localizarmos com eficácia as bibliotecas que necessitamos consultar, bem como os meios para obter acesso às mesmas.

Instalamo-nos no hotel indicado e, após breve reunião, traçamos os planos para investigar o *Simulacro*. Destacamos a *Bibliothèque Nationale* como ponto principal de pesquisa e cogitamos também uma visita à *Université de la Sorbonne*, onde, talvez, possamos encontrar arquivos e documentos mais aprofundados e especializados.

Uma vez na Biblioteca Nacional de Paris, iniciamos uma busca árdua sobre o *artefato*, contando com o auxílio do jovem estudante *Remi Vangeim*. Munidos de informações prévias sobre o *Comte Fenalik*; um nobre degenerado que viveu na época da Revolução Francesa; fomos guiados por tomos antigos e obscuros em nossa investigação.

Encontramos, nesse contexto, um fragmento de diário atribuído à *mademoiselle de Brienne*, dama da corte da *Reine Marie Antoinette*, datado de junho de 1789, às vésperas da *Revolução*. Tentarei transcrever aqui um trecho do relato dela que encontramos:

“ *Comte era como um sol entre nós, derramando sua luz sobre todos e fazendo com que nos regozijássemos em seus prazeres. Diz-se que seus banquetes são mais luxuosos e lascivos jamais vistos em nossa cidade...Foi então que ficou evidente que algo de maligno estava ocorrendo, e a Rainha ficou furiosa. Os homens do Rei invadiram a casa, muita coisa foi destruída, e o Comte foi preso...*”

Não foi, porém, o único conhecimento oculto que logramos encontrar na *Bibliothèque Nationale*. Deparamos-nos com a informação de outro texto antigo e sinistro que fazia referências ao infame *Simulacro* e seu possível destino. Trata-se de um manuscrito datado de aproximadamente 1260, redigido em latim por um monge *cisterciense* anônimo; ou seja, membro da austera ordem de *Cister*, conhecida por sua rigorosa observância da Regra de São Bento.

No entanto, tal manuscrito foi, posteriormente, encadernado como livro por volta de 1505 na cidade de Veneza. Esse livro hoje é considerado um apócrifo escrito por um clérigo louco. Bem conhecido entre os círculos de ocultismo, mas a sua única cópia ainda está em Veneza, ao que tudo indica, mantida na igreja de *San Maria Celeste*.

Foi justamente quando começávamos a vislumbrar algum progresso que sentimos, e aqui falo também por mim, uma presença inquietante a rondar-nos entre as prateleiras da grande biblioteca. Uma sensação difícil de descrever, mas que nos deixou em estado de alerta.

Em breve, escreverei novamente com os desdobramentos desta investigação que, a cada passo, revela-se mais sombria e fascinante.

*Avec estime et admiration...*